



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES

CURSO DE PEDAGOGIA

**“QUEBRA-GALHO?”**

**O TRABALHO DO MONITOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Bruna Cristina Dörr

Lajeado, novembro de 2018

Bruna Cristina Dörr

**“QUEBRA-GALHO?”**

**O TRABALHO DO MONITOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de Trabalho de Curso II do curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Morgana Domênica Hattge

Lajeado, novembro de 2018

## RESUMO

Este estudo é fruto de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que tem como objetivo principal analisar a maneira que se estabelecem as organizações de trabalho do monitor de Educação Infantil, percebendo nas suas práticas diárias o desenvolvimento da criança dentro do espaço de sala de aula. Na Educação Infantil, temos a figura do monitor, que atua no espaço escolar auxiliando o professor e, principalmente, os alunos na execução de suas atividades diárias. Neste trabalho, serão abordadas questões gerais sobre o monitor, como também a formação que é exigida por lei. Aspectos do trabalho do cuidador de crianças nos espaços de educação nos primórdios do jardim de infância também foram abordados. Fazem-se presentes o registro histórico do monitor, bem como leis e editais de concurso público da cidade de Lajeado (RS), no Vale do Taquari, com atribuições especificadas por cargo. Para atingir o objetivo proposto, foram realizadas entrevistas gravadas com quatro alunas do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari (Univates). A entrevista buscou saber como essas monitoras se veem no ambiente escolar e na rotina de sala de aula, além de compreender a percepção de cada uma sobre as atribuições do monitor na Educação Infantil. Para análise de dados, criaram-se duas categorias de análise. A primeira delas, intitulada *“Quebra-Galho”: a monitora da Educação Infantil, no cotidiano da escola*, traz excertos e reflexões sobre as atribuições dos monitores na sala de aula. A segunda categoria, *“Como não tem professor, a gente faz”*: o planejamento do dia a dia da monitora de Educação Infantil, traz aspectos importantes, como a falta de planejamento por parte das monitoras da Educação Infantil. Não foi objetivo do estudo comparar profissões, mas sim compreender qual é o papel do monitor e as suas atribuições dentro da sala de aula rotineiramente, visando a contextualizar o referencial teórico abordado.

**Palavras-chave:** Monitor de Educação Infantil. Educação Infantil. Organização de trabalho.

## ABSTRACT

This paper has stemmed from a course completion research whose main objective is to analyze the ways in which childcare assistants' work is structured in Child Education, focusing on the child development in their daily classroom practices. In Child Education, there is the figure of the childcare assistant, who works in the school setting to help the teacher and, particularly, the students perform their daily activities. This paper addresses general issues related to childcare assistants, as well as the level of education they are required by law. Aspects of the childcare assistants' work in educational settings in the early days of the kindergarten are also addressed. The history of the childcare assistants' occupation, laws and public tender notices of the city of Lajeado (RS), in Taquari Valley, are presented, specifying their attributions by position. In order to attain the objective, interviews with four students attending the Pedagogy course at Taquari Valley University (Univates) were carried out and recorded. The interview was intended to know how those childcare assistants have seen themselves in the school settings and along the daily classroom routine, besides understanding their perceptions of the childcare assistants' assignments in Child Education. For the data analysis, two categories were designed. The first one is "*Troubleshooter*": *Childcare assistance in the school routine of Child Education*; it presents excerpts and reflections on the childcare assistants' classroom assignments. The second category, "*As there isn't a teacher, we do it ourselves*": *The childcare assistants' daily planning in Child Education*, points out important issues, such as the lack of planning on the part of childcare assistants in Child Education. The objective of this study is not to compare professions, but rather understand the role of childcare assistants and their daily assignments in the classroom, aiming at contextualizing the theoretical framework.

**Keywords:** Childcare assistant in Child Education. Child Education. Work organization.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ABE	Associação Brasileira de Educação
Art.	Artigo
DCNs	Diretrizes Curricular Nacional
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SMED	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1.1 Tema .....</b>	<b>8</b>
<b>1.2 Problema .....</b>	<b>8</b>
<b>1.3 Objetivo geral .....</b>	<b>8</b>
<b>1.3.1 Objetivos específicos.....</b>	<b>8</b>
<b>2 EDUCAÇÃO INFANTIL EM CONSTRUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>3 DO CUIDADOR AO AUXILIAR MONITOR.....</b>	<b>16</b>
<b>4 METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>22</b>
<b>5 “QUEBRA-GALHO”: A MONITORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO COTIDIANO DA ESCOLA .....</b>	<b>25</b>
<b>6 “COMO NÃO TEM PROFESSOR A GENTE FAZ”: O PLANEJAMENTO NO DIA A DIA DA MONITORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>29</b>
<b>7 "A GENTE SABE A NOSSA FUNÇÃO DE MONITORA": REFLEXÕES A CERCA DA ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO DO MONITOR.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevista .....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE C – Entrevista 1: Monitora A .....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE D – Entrevista 2: Monitora B .....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE E – Entrevista 3: Monitora C .....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE F – Entrevista 4: Monitora D.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No ano de 2010, iniciei no Curso Normal em uma escola no interior do Vale do Taquari, pois sempre foi minha vontade lecionar. Como depois de um ano de curso poderia ingressar em um estágio remunerado, iniciei minha caminhada de trabalho na mesma cidade. Segundo a LDB 9394/96: “Art. 61- Os Estágios Supervisionados constam de atividades de prática pré-profissional, exercidas em situações reais de trabalho, nos termos da legislação em vigor”.

Assim, com base na LDB, pude dar início ao meu estágio remunerado dentro de um espaço escolar, onde pude vivenciar as questões propostas pelo curso. Ao longo de minha atuação nas escolas e turmas pelas quais passava, algumas coisas foram me afetando e me tornando a profissional que sou atualmente.

Logicamente, algumas situações vivenciadas nestes espaços de atuação faziam-me refletir, e é neste caso que entra o meu tema de pesquisa. Aquele incômodo que nos inquieta à noite e não nos deixa descansar, pois se sabe que algo precisa de nossa atenção, ou melhor, precisa ser estudado. Foi isso que me instigou a entrar no curso de Pedagogia na Univates. Ao longo dos primeiros semestres e no decorrer de vários estudos sobre como ensinar, o que é um professor, como avaliar, como observar, aprendi a ter um olhar mais sensível frente às minhas inquietações, direcionando-me cada vez mais ao meu trabalho de conclusão de curso.

Desde que iniciei minha atuação profissional, meus contratos eram sempre para ser monitora da turma, o que me fez perceber várias coisas que estavam acontecendo e que poderiam ser questionadas.

Ser monitora de turma dava-me um cargo frente aos professores e aos pais, para quem meu trabalho era apenas cuidar, embora tivesse a responsabilidade de planejar atividades e até de substituir professores. No começo, sentia-me muito útil em estar sempre à disposição para essas substituições, pois podia mostrar o quanto estava preparada para ser uma professora no futuro próspero, mas, como meu contrato era de monitora, não percebia interesse de ninguém em “me notar”. O que faz um profissional formado, que já passou por tudo que um monitor com formação ou em formação passou, rejeitar um monitor a ponto de excluí-lo de planejamento ou momentos de atividade? O que reduz o monitor a ser visto apenas como cuidador? Por que o monitor precisa trabalhar em horários diferentes de um professor? E por que algumas prefeituras ou escolas particulares preferem contratar monitores em vez de professores, mesmo no caso de assumir a titularidade da turma?

Essas perguntas fazem-me questionar várias outras coisas, como, por exemplo: existe uma lei que defende o monitor? Qual a formação deste monitor? Existe por lei uma formação para este cargo? Por que tantas prefeituras abrem contratos e concursos apenas para monitor sem formação? Todos esses questionamentos levaram-me a construir o seguinte problema de pesquisa: De que maneira se dá a organização de trabalho do monitor na Educação Infantil na visão de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates?

Para abordar os questionamentos sobre o tema, começarei a refletir, no segundo capítulo, sobre a trajetória histórica da Educação Infantil no Brasil, pensando a forma como o conceito de monitor veio a ser incluído no espaço escolar. Também me proponho a pensar sobre a importância de ele estar, ao mesmo tempo que o professor, pensando sobre o desenvolvimento da criança.

No terceiro capítulo, abordarei as características do monitor: quem é ele? Onde ele se encontra? Trarei reflexões sobre respaldo em lei sobre o monitor, onde ele se encaixa dentro da educação, qual a sua função e por que ele está dentro dos espaços da Educação Infantil. No quarto capítulo, apresentarei a metodologia da pesquisa e seus caminhos metodológicos. O quinto e sexto capítulo será abordado as categorias de análise, “quebra-galho”, a monitora da Educação Infantil no cotidiano Escolar e a segunda categoria de análise “Como não tem professor a gente faz”, o planejamento no dia a dia da monitora da Educação Infantil. E por fim no sétimo capítulo abordarei uma breve conclusão de ideias sobre o tema da pesquisa.

## **1.1 Tema**

Monitor de Educação Infantil

## **1.2 Problema**

De que maneira se dá a organização do trabalho do monitor na Educação Infantil na visão de estudantes do curso de Pedagogia da Univates?

## **1.3 Objetivo geral**

Analisar de que forma se dá a organização de trabalho do monitor na Educação Infantil.

### **1.3.1 Objetivos específicos**

- Compreender de que forma a trajetória histórica da Educação Infantil no Brasil possibilita condições de emergência para a figura do monitor.
- Estudar os aspectos da legislação educacional acerca do professor e do monitor.
- Identificar a relação profissional que se estabelece entre monitor e professor na Educação Infantil.

## 2 EDUCAÇÃO INFANTIL EM CONSTRUÇÃO

Ao pararmos para olhar mais adentro da Educação Infantil, podemos enxergar muitos avanços positivos. Analisando sua história, percebemos que essa caminhada foi muito importante para chegarmos onde estamos. Entretanto, sabemos o quanto ainda precisamos avançar.

Podemos começar a refletir segundo algumas perspectivas sobre o surgimento das primeiras escolas a partir de Kuhlmann Junior (1998, p. 81). Para o autor, algumas questões dessa nova organização social tiveram início a partir de “conjuntos de fatores econômicos, que começam a surgir as construções da sociedade capitalista, a constituição da urbanização e também da busca do trabalho industrial”. Kuhlmann Junior (1998) também traz uma questão importante, a da criação das instituições de pré-escola. Estas não foram resultado apenas de alguns fatos sociais, mas de uma demanda maior da sociedade, onde a proposta assistencialista se liga à história dos homens, ou seja, as escolas começaram a surgir no Brasil, assim que houve uma necessidade maior de famílias buscarem empregos e precisarem de assistência em relação ao cuidado do filho durante o período de trabalho.

Dois autores trazem duas linhas muito importantes das políticas públicas da infância. Andrade (2010), em seu artigo, cita Kramer (1988), dizendo que, na primeira década do século XX e na primeira metade do século XIX, há um marco para programas de ações de cunho médico e sanitário, sob uma visão assistencial alimentícia, trazendo uma concepção psicológica e patológica da criança:

[...] voltadas, quando muito, para a liberação das mulheres para o mercado de trabalho ou direcionar a uma suposta melhoria do rendimento escolar posterior, essas ações partem também de uma concepção que

desconsiderava a sua cidadania e desprezava os direitos sociais fundamentais capazes de proporcionarem às crianças brasileiras condições mais dignas de vida (KRAMER, 1988, p. 199, apud ANDRADE, 2010, p. 2010).

Após as mulheres adentrarem no mercado de trabalho, deixando de ficar dentro dos lares como donas de casa sem quaisquer direitos, houve uma preocupação assistencialista com as crianças dentro dessas creches, onde ainda segundo Kramer, não havia proteção para a criança, ou seja, não havia um compromisso com os direitos que são importantes para o desenvolvimento da infância (ANDRADE, 2010, p. 132).

Kuhlmann Junior (1998, p. 85) aponta também essa perspectiva sobre a “escola assistencialista trazendo a ideia dos congressos que abordavam as ideias de assistência à infância que deveria ser junto às indústrias”. Essas medidas eram defendidas como uma necessidade para regular a relação de trabalho, isto para o trabalho feminino.

Por volta do século XIX, com a Revolução Industrial, começaram a surgir alguns novos caminhos para o desenvolvimento da criança. A partir desse desenvolvimento, inicia um pensamento sobre a criança como um mini adulto. As crianças exerciam muitas tarefas, e acreditava-se que não tinham nenhum conhecimento, sendo chamadas de *tabula rasa* (GONÇALVES, 2010).

O delineamento da história da educação infantil por pesquisadores de muitos países tem evidenciado que a concepção de infância é uma construção histórica e social, coexistindo em um mesmo momento múltiplas ideias de criança e de desenvolvimento infantil. Essas ideias, perpassadas por quadros ideológicos em debate a cada momento, constituem importante mediador das práticas educacionais com crianças até 6 anos de idade na família e fora dela (OLIVEIRA, 2002, p. 57, apud GONÇALVES, 2010, p. 6).

Um exemplo levantado por Kuhlmann Junior (1998, p. 85) é “a fábrica do Corcovado, onde o objetivo principal da empresa era fornecer a todos os empregados a assistência médica e dentária, como também serviços funerários ou empréstimo de dinheiro”. Andrade (2010), com base no pensamento de Kuhlmann, também traz as características da assistência científica. Havia outra ideia, como a de reduzir os recursos que seriam destinados para a população pobre. A concepção do assistencialismo era fundamentada na submissão, que serviria para disciplinar os pobres, destinando-os para a aceitação de serem explorados socialmente. “[...] A educação assistencialista promovia uma pedagogia da submissão, que pretendia preparar os pobres para aceitar a exploração social” (KUHLMANN, 2000, p. 8, apud ANDRADE, 2010, p. 133).

Pensando sobre a educação infantil no Brasil, com a modernização dos países considerados de primeiro mundo, começaram a ser criadas as ideias pedagógicas modernas (NASCIMENTO, 2015), já que na Europa as escolas de Educação Infantil começavam a fomentar a ideia de a criança não ser uma tábula rasa, e sim um sujeito histórico capaz de aprender e ensinar. Segundo Nascimento (2015), no final do século XIX e início do século XX, novos olhares começaram a brilhar para a Educação Infantil, sob a perspectiva de médicos, juristas, intelectuais e religiosos. Cabe ressaltar que estes olhares se dirigiram para a infância pobre, ainda sob uma concepção assistencialista. Era importante modernizar essa infância, mas de que forma? Moldando a Educação Infantil ao estilo europeu:

A infância, em dado momento histórico, revela-se como um problema social, cuja solução parecia fundamental para o país. O significado social da infância circunscrevia-se na perspectiva de moldá-la de acordo com o projeto que conduziria o Brasil ao seu ideal de nação (UJIIE; PIETROBON, 2008, p. 291, apud NASCIMENTO, 2015, p. 3).

Desse modo, “as primeiras tentativas para atender a infância brasileira tiveram iniciativa assistencialista e filantrópica que vinham ao encontro de interesses jurídicos, empresários, políticos, médicos, pedagógicos e religiosos” (KUHLMANN JR., 2010, p. 77, apud NASCIMENTO, 2015, p. 3). Estes interesses são os mesmos que se voltavam para a infância pobre. Assim,

[...] essas iniciativas assistencialistas e filantrópicas vieram com intenção de proteger a infância, fazendo com que várias associações e instituições fossem criadas para atender essa demanda, nos mais variados serviços como a saúde, sobrevivência, direitos sociais e a educação (NASCIMENTO, 2015, p. 3).

Para Nascimento (2015, p. 3):

Um episódio marcante na trajetória da Educação Infantil no Brasil não poderia deixar de mencionar a Roda dos Expostos ou então a Roda dos Excluídos. Por algum tempo esta roda foi a primeira e a única assistência que ampara crianças que eram abandonadas nessas casas ou instituições, estas crianças eram entregues em uma roda de forma cilíndrica e giradas para dentro, onde ninguém podia ver quem a colocava. Esta Roda foi criada em 1738, na cidade de Rio de Janeiro, foi extinta por volta de 1950.

É importante também destacar, neste processo de construção da Educação Infantil, a influência da assistência científica com o objetivo de controlar a organização assistencial no atendimento à criança, ou seja, médicos e dirigentes de instituições buscavam na ciência a solução para o “problema da infância” (NASCIMENTO, 2015), já que a infância pobre era uma ameaça social, e, por este motivo, foi necessário criar

estratégias de controle desta pobreza. Ainda se pensava de forma médico-assistencial, e tudo era resolvido com a ciência. O foco estava em resolver o problema da pobreza, visto que este estava vinculado com a infância, não sendo bem visto pelas instituições e organizações sociais. Nascimento (2015) ainda destaca que esta nova concepção assistencialista aborda aspectos como a alimentação e a habitação dos trabalhadores e dos pobres. Partindo dessa nova concepção, a assistência científica serviu como base nas propostas e justificativas para a criação das creches.

É interessante refletir até aqui sobre a construção da Educação Infantil, suas formas, sua trajetória e seu estilo de cultura, que foram se emoldurando ao longo do processo histórico. Cabe também refletir sobre este considerável avanço contínuo que se estende ao longo dos anos.

Kuhlmann Jr. (2010, p. 78) traz uma passagem para pensar sobre essa trajetória:

[...]Como proposta de uma instituição moderna, a creche, para as crianças de zero a três anos [...] foi vista como muito mais do que um aperfeiçoamento das Casas dos Expostos, que recebiam as crianças abandonadas; pelo contrário, foi apresentada em substituição a estas, para que as mães não abandonassem suas crianças.

Conforme a concepção europeia, a primeira tentativa de creche teve como intuito emancipar o trabalho industrial da mulher. Neste caso, “a creche no Brasil é apresentada como uma nova forma de instituição para solucionar os problemas levantados pela Lei do Ventre Livre, que destinava a educação das crianças dos escravos” (KUHLMANN JR., 2010, apud NASCIMENTO, 2015, p. 5). A partir do crescimento das empresas, outras instituições foram tomando forma para assumir, então, a educação dos filhos dos trabalhadores e dos operários (NASCIMENTO, 2015).

No estado de São Paulo, desde dezembro de 1920, a Legislação previa a instalação de Escolas Maternais, com a finalidade de prestar cuidados aos filhos de operários, preferencialmente junto às fábricas que oferecessem local e alimento para crianças. As poucas empresas que se propunham a atender os filhos de suas trabalhadoras o faziam desde o berçário, ocupando-se também da instalação de creches (KUHLMANN JR., 2000, p. 8, apud NASCIMENTO, 2015, p. 5).

Já para os filhos da elite, o Jardim de Infância tinha uma proposta de educação racional que vinha ao encontro do progresso científico. O interesse pela educação pré-escolar deu-se mediante a escola privada e em conjunto com as instituições para

os pobres; estas, mesmo necessárias, não conseguiam se concretizar naquele período (NASCIMENTO, 2015).

O Jardim de Infância, segundo Nascimento (2015), era financiado pelas classes mais ricas, pois se justificava com uma proposta voltada para o pedagógico. De acordo com Kuhlmann Jr. (2010, p. 81), “[...] servia como uma estratégia de propaganda mercadológica para atrair as famílias abastadas, como uma atribuição do jardim de infância para os ricos, que não poderia ser confundido com asilos e creches para os pobres”.

Kuhlmann Júnior enfoca três aspectos da assistência científica. O primeiro referente ao conjunto de medidas não caracterizado pelo direito, mas pela subserviência dos que dela necessitassem, cumprindo a sua função preconceituosa e disciplinar sobre os pobres trabalhadores. O segundo aspecto remete à polarização entre o papel do Estado e da sociedade civil nas ações de atendimento, e o terceiro é a adoção de um método científico para sistematizar as ações e os conhecimentos no intuito de controle social e moralização da pobreza (KUHLMANN JR, 2001, p. 64-68, passim).

Segundo o autor a pobreza era um fator de risco para a sociedade, então quem assumiu as creches ou asilos foram os médicos assistencialistas, que têm o papel de cuidar. Ainda há de se destacara educação moral, voltada para a educação da disciplina, da obediência e da polidez. Ou seja, mesmo em um “ambiente rico pedagógico as crianças eram mantidas sob vigilância constante pelos adultos, como forma também de estar atento às atitudes, dessa forma como estavam sempre vigilantes podiam chamar atenção, dando exemplos de atitudes” (KUHLMANN JR., 2010, apud NASCIMENTO, 2015, p. 5).

Segundo Gonçalves (2010), por volta de 1924, com o movimento da Escola Nova, professores e educadores interessados neste movimento criaram a Associação Brasileira de Educação, também conhecida como ABE. Esta associação não tinha fins lucrativos, mas sim o propósito de proteger os direitos humanos. Esta instituição foi criada com o objetivo de reunir educadores, professores e pessoas jurídicas e ou físicas que se interessassem pelo estudo da educação e da cultura, bem como por assuntos que dizem respeito ao processo de aprendizado e desenvolvimento cognitivo, ou seja, todo o processo que esteja ligado ao desenvolvimento da educação (GONÇALVES, 2010).

Todo esse movimento da educação resultou em um processo de proteção aos direitos humanos. Criou-se uma lei para garantir que a criança tenha um espaço adequado para esse processo de aprendizado. A Lei 5.692/71 diz: “os sistemas velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam educação em escolas maternas, jardins de infância ou instituições equivalentes” (OLIVEIRA, 2002, p. 108, apud GONÇALVES, 2010, p. 7).

Partindo dessa lei, a Educação Infantil começa a ser estruturada, ganhando espaço e configurando-se como uma conquista muito significativa na história da sociedade brasileira. Vale constar que esta conquista dos direitos da Educação Infantil foi resultado de muita luta e determinação das partes envolvidas.

Em 1975, quando da realização do primeiro Diagnóstico Nacional da Educação Pré-escolar, feito pelo MEC, passando por 1979 – Ano Internacional da Criança –, pela Constituinte de 1988, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, até a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, trata-se da conquista de uma visão das crianças enquanto cidadãos de direitos, inclusive o direito à educação infantil (KRAMER, 2005, p. 118, apud GONÇALVES, 2010, p. 7).

Em 1996, foi aprovada a lei LDB –Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96. Ao longo dessa trajetória de implementação da lei, constatou-se o surgimento de vários problemas que se faziam presentes nas instituições ou “creches”. Os profissionais vinculados a saúde que ali estavam para atender as crianças, médicos e assistencialistas, notaram que a formação era necessária, conforme o que a lei previa, pois emergiram algumas lacunas decorrentes de processos mal desenvolvidos (RESENDE; MARTINS, 2016). Há de se destacar que anteriormente a LDB, quem tinha o papel de professor como o do atualidade era o cuidador. Este cuidador estava ali para prestar assistência às crianças como modo de cuidar dela no turno que ficava na escola.

A LDB/96 incorporou no Brasil as creches e pré-escolas no sistema educacional brasileiro. A escola surge com a tentativa de deixar de ser assistencialista e passar para o fazer pedagógico, considerando o aluno como um todo. Segundo Resende e Martins (2016), a LDB/96 suscita a formação do professor para atuar na Educação Básica, e essa formação deverá ser realizada em curso de licenciatura por áreas do conhecimento; somente então os professores poderão lecionar nos anos finais do Ensino Fundamental. Já para a Educação Infantil, o professor deverá estar formado no curso de licenciatura em Pedagogia, este que foi regulamentado pelas

diretrizes curriculares do curso de Pedagogia (DCNs) no ano de 2006<sup>1</sup>. A LDB/96 também prevê a formação intermediária pelo curso normal, conhecido também por magistério (RESENDE; MARTINS, 2016).

A LDB/96 traz o conceito de Educação Infantil, comprovando mais uma vez o motivo pelo qual se fez necessária:

No art.29. A Educação Infantil é conceituada como a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade. No art. 30.a Educação Infantil será oferecida em creches para crianças de até três anos de idade e em pré-escolas para crianças de quatro a cinco anos de idade. No art. 31. Na Educação Infantil a avaliação será feita mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para acesso ao Ensino Fundamental. (BRASIL, 1996)

A partir da implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, as escolas surgem com uma tentativa de deixam de ser assistencialistas e ter como foco pedagógico o assistencialismo e passam a ter como objetivo educar com o olhar pedagógico na Educação Infantil. Seu principal objetivo é promover o desenvolvimento integral das crianças, reconhecidas como sujeitos com direitos e também como cidadãos (SARMENTO, 2005, apud SANTOS, 2013).

É comum olharmos para escolas de Educação Infantil e percebermos que a assistência e o pedagógico ainda caminham juntos. Muitas escolas adotam o cuidar como forma de educar com cunho pedagógico. Vale salientar que o descompasso entre leis, teorias e vivências diárias deixa a desejar quando se trata das necessidades pedagógicas, tendo em vista que o compromisso com a criança é fundamental.

---

<sup>1</sup>Em 2015, também a resolução nº 2, de 01 de julho, institui diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Porém, a resolução de 2006 não é revogada.

### 3 DO CUIDADOR AO AUXILIAR MONITOR

Algumas mudanças no atendimento às crianças partiram da criação de uma lei instituída no final dos anos 80. Neste período, começou-se a perceber que, para educar as crianças, precisava-se de profissionais como o professor para atuar nessa área. A Constituição Federal de 1988, no artigo 208, inciso IV, diz o seguinte: “É direito da criança de zero a cinco anos de idade e dever do Estado o atendimento à infância” (GONÇALVES, 2010, p.7).

A LDB 9394/96 também determina, no seu artigo 9º, no que diz respeito à União, a elaboração de um plano dos Estados mais o Distrito Federal e os municípios, interligando uma educação para todos.

É importante pararmos aqui e refletirmos. Este processo que o professor enfrenta é muito importante. De acordo com a história, os professores, antes de tudo, foram cuidadores, sendo designados para apenas cuidar das crianças que se encontravam na creche, sem preocupações pedagógicas ou processos de aprendizagem. A creche também era um lugar de depósito de crianças, onde ficavam para que os pais pudessem ir trabalhar.

Os cuidadores não tinham formação na área educacional, eram pessoas sem formação adequada para trabalhar com estas crianças e educá-las; o que sabiam eram conhecimentos leigos, estes de casa, sobre como se educavam os filhos. Com o passar do tempo, lutas foram travadas para que as crianças pudessem ter uma aprendizagem digna, como a associação mencionada logo acima, a ABE. Então, começou a se pensar em um profissional qualificado para auxiliar no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança. Embora as mulheres ainda

predominem nas escolas, começaram a surgir programas de formação de professores para servirem de base aos profissionais que trabalham com crianças na pré-escola.

A busca pela formação continuada também depende do profissional e dos objetivos que pretende alcançar. Dessa forma, ele mesmo deverá buscar conhecimento, de acordo com a sua personalidade, utilizando-se da criatividade, o que, de certa forma, é um desafio frente à diversidade no ensino.

Partindo dessa perspectiva, devemos direcionar nosso olhar aos auxiliares de turma, ou melhor, aos primeiros atendentes. Por lei, esse é um cargo já extinto segundo o artigo 62 da LDB, que traz a formação de atuação dos profissionais de educação, dessa forma as escolas deveriam reorganizar o seu planejamento e organizar novos concursos públicos para atender as crianças da Educação Infantil. Atualmente, o cargo é ocupado por Recreacionista, que também é uma função que também deveria estar extinta, conforme a lei da LDB nº9394/96 artigo 62 que diz que a formação para atuar com Educação Infantil deverá ser de Licenciatura plena em Pedagogia ou Curso Normal, Magistério. O Projeto Político Pedagógico de Lajeado<sup>2</sup> diz o seguinte:

Recreacionista: conforme edital 42-05/1987, estes profissionais possuem ensino fundamental e são responsáveis por: orientar e coordenar o planejamento e a execução de jogos e entretenimento, atividades musicais rítmicas e outras atividades de recreação a serem desenvolvidas por crianças de creches, de outros estabelecimentos educacionais ou, ainda, que frequentam praças de esportes ou locais de lazer; consultar e trocar ideias com orientadores educacionais para obter informações que facilitem as atividades educativas e recreativas postas em prática pelas crianças que lhe são confiadas; auxiliar a desenvolver nas crianças que estão sob sua orientação o gosto pelas atividades recreativas, procurando desenvolver e estimular suas inclinações e aptidões; procurar infundir nas crianças hábitos de limpeza, obediência, tolerância e outros atributos morais e sociais; supervisionar as atividades recreativas das crianças e orientá-las de se precaverem contra lesões e/ou luxações; executar outras tarefas correlatas (MALLMANN, 2011, p. 21).

O município de Lajeado, em seu edital, na década de 80 apontou o cargo de Recreacionista para realizar atividades recreativas com as crianças de creche, ou seja, esses profissionais precisavam realizar brincadeiras educativas para as crianças em diferentes espaços, seja em sala de aula, seja em espaços de lazer ou espaços não escolares. Esses profissionais não precisavam necessariamente ter

---

<sup>2</sup> Nessa contextualização, faz-se a apresentação do Projeto Político-Pedagógico do município de Lajeado, pois é o foco de investigação empírica da pesquisa.

conhecimento sobre educação ou sobre o processo de aprendizagem; era-lhes exigido apenas o Ensino Fundamental completo.

Já para o cargo de monitor, o PPP das escolas de Educação Infantil criou uma nova modalidade:

Monitores: conforme edital 74-01/1993 a formação destes é de ensino médio completo ou cursando o segundo ano do ensino médio habilitação magistério. Suas atribuições são: planejar e executar atividades diversas visando ao desenvolvimento global e harmonioso da criança em suas diversas fases do desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional, social e psicomotor. Participar de cursos e seminários específicos para a formação profissional na educação pré-escolar, oferecidos ou não pela Secretaria da Educação. Proporcionar às crianças atividades para despertar a capacidade individual respeitando suas aptidões e necessidades. Desenvolver hábitos de higiene e limpeza com a criança, visando ao seu bem-estar social. Estar vigilante, por meio de sua presença constante na realização das atividades orientadas ou não, para evitar acidentes que venham em prejuízo da criança. Executar outras tarefas correlatas (MALLMANN, 2011, p. 22).

O cargo de monitor, já neste edital, inclui uma formação que pode ou não ser exigida por habilitação em curso normal/magistério. Entretanto, o monitor participa do processo de formação e seminários, que se tornam de extrema importância, pois, se ele não tiver a formação em magistério, apenas o Ensino Médio, terá a experiência de passar por processos de ensino sobre a educação e de reflexão sobre a criança e a aprendizagem. Dessa forma, terá um pouco de conhecimento para monitorar as crianças. É interessante analisar a frase “[...] Estar vigilante, por meio de sua presença constante na realização das atividades” (MALLMANN, 2011, p. 22). Isso não parece um retorno à vigilância lá do começo da concepção das escolas, quando esse era o principal objetivo? Vigiar? De onde partimos com a concepção de monitor? Monitores estão ocupando um cargo de vigilantes de crianças?

Já em 2010, um novo edital para a modalidade monitor foi sancionado. Conforme o Edital 148-02/ 2010:

Monitor: a formação destes consiste em ensino médio na modalidade normal. Suas atribuições são: zelar e executar trabalhos de cuidado com as crianças em todos os momentos nas áreas de saúde, alimentação, higiene, vestuário etc.; organizar atividades lúdicas e recreativas às crianças; proporcionar atividades lúdicas e recreativas às crianças; proporcionar atividades diversas visando ao desenvolvimento global e harmonioso da criança em suas diversas fases de desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor, inclusive auxiliar no atendimento às crianças com necessidades especiais, respeitando suas aptidões e necessidades; colaborar com as atividades de articulação das instituições escolares com as famílias e a comunidade; participar de atividades extraclasses e períodos dedicados à formação continuada; executar outras tarefas afins (MALLMANN, 2011, p. 22).

Neste edital, o monitor deverá estar presente e ciente das atividades escolares, como também deverá participar de atividades extraclases que visam à sua formação continuada.

Embora todos os profissionais estejam assegurados pela lei, ainda existem algumas ambiguidades que devem ser pensadas para desconstruir discursos, como o Ministério da Educação realizava há algum tempo, traçando uma clara distinção entre o professor e o monitor. Em alguns documentos, o monitor auxiliar de turma é designado para cuidar enquanto o professor se dedica ao ensino e à educação.

A LDB 9394/96 prevê que todo profissional atuante dentro do espaço escolar necessita estar habilitado por magistério ou curso normal. No entanto, encontramos cenários bem diferentes por nossas escolas. Ainda existem cargos de recreacionista e berçarista, que foram extintos pela LDB 9394/96. Segundo Crady ([S.d.], apud SANTOS, 2013, p. 5):

A persistência da figura do monitor, auxiliar, ou pajem, crecheira, etc. aparece como forma de burlar a exigência mínima de formação, não porque essa não seja desejada ou possível, mas porque o profissional que a possui custa mais caro. Pode-se, portanto, afirmar que a dificuldade não está em formar o educador infantil, mas em pagá-lo como salário que corresponde ao de um educador habilitado.

Para as autoras Anghinoni e Pozzobon (2017), muitas vezes, as professoras de Educação Infantil são reconhecidas por tratarem das questões de cunho pedagógico os monitores são indicados para lidar com o cuidar, tanto físico quanto higiênico e alimentício. Cabe aqui também relacionar uma questão importante. Essas diferenciações estão ligadas à escolaridade, ao salário e também ao tempo de permanência no trabalho, como a carga horária de trabalho, que ambas as profissões disputam.

As autoras trazem uma perspectiva um tanto quanto curiosa, pois se discute a ideia de a atuação do monitor estar muito próxima de um “trabalho doméstico familiar”, separando-se o trabalho intelectual e o manual, em que o professor assume a titularidade, distribuindo tarefas que precisam ser cumpridas pelos monitores. Ávila (2002, apud ANGHINONI; POZZOBON, 2017, p. 5) afirma:

As monitoras estão sempre no limiar do imprevisto-improvisado, [...] não demonstram sentir a necessidade de fazer um planejamento, não há no discurso uma conjugação entre educar e cuidar. Tendem a incorporar o papel de quem apenas cuida, ficando a tarefa de educar para a professora. Como se essa separação fosse possível!

Horn e Silva (2013) colaboram na discussão levantada por Bujes(2013), trazendo a importância de desconstruir discursos do cuidar e educar e deixando claro que todas as situações podem ser pedagógicas, mas o que se concretizará será o processo de execução no trabalho com crianças de 0 a 5 anos de idade.

Kuhlmann Jr. (1998) também traz uma perspectiva de auxiliar de turma, apontando que este conceito se estabeleceu desde as primeiras concepções de professores atendentes. Atualmente, esta função está em uma classificação de desqualificação, dividindo o trabalho de profissionais. Na década de 1980, os concursos públicos também traziam a separação entre ambos os profissionais: um era o professor, que precisava ter formação e administraria as funções pedagógicas; o outro era o auxiliar, que precisava ter apenas o Ensino Fundamental completo (SANTOS, 2013).

É importante esclarecer que, apesar das várias ambiguidades que cercam estas profissões, é preciso que ambos os profissionais saibam trabalhar em equipe, uma vez que estão em prol do ensino e aprendizado das crianças de Educação Infantil. A própria literatura expressa que o profissional é aquele formado que trabalha na área, ou seja, o professor e o auxiliar são profissionais.

Segundo Santos(2013), nas Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil de Florianópolis, evidencia-se a importância de ambos planejarem, executarem, registrarem e avaliarem os momentos que passam com os pequenos, seja na rotina, no parque ou em projetos de sala. O Projeto Político Pedagógico de Florianópolis é um documento que aborda a importância de ambos os profissionais trabalharem juntos visando o aprendizado das crianças. Este projeto é utilizado em várias convenções nacionais de Educação Infantil revelando mais uma vez a sua importância de ambos os profissionais (SANTOS, 2013).

O documento final da Conferência Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 2008) não trouxe distinção entre o professor e o auxiliar/monitor, sem desmerecê-los na atuação, ensino e disciplina, mas enquadrando como profissionais os professores e funcionários. Para qualquer que seja o cargo dentro da escola, deveria existir a igualdade, desde a construção de um plano de carreira, número de crianças por turma, turno de trabalho, planejamento de atividades. Entretanto, alguns concursos destinados para professores ainda utilizam a distinção entre as classes. No edital,

impõe-se que o auxiliar tenha o curso normal/magistério; já do professor, exige-se que tenha o curso de Pedagogia (SANTOS, 2013).

Ao analisar esse contexto, encontra-se uma discordância entre alguns autores que ali defendem suas ideologias. Se olharmos para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), a categoria de auxiliar não é reconhecida, pois a Lei estabelece que, para trabalhar com crianças, é necessária a titulação em nível normal, ou seja, o magistério; portanto, nesse caso, o profissional que a Lei aponta é o professor. Conforme o artigo 62 da LDB:

Art. 62 A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Muitas vezes, contratar um auxiliar/monitor tem um custo menor do que contratar um professor, isso acontece na maioria dos casos, pois na educação Infantil deve ser proporcional ao número de crianças ao número de professores dentro da sala de aula, ou seja a Educação Infantil é cara para o município dessa forma, o FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica) “não cobre” os gastos que esse setor leva. E uma solução dos municípios a baixo custo é contratar mais monitores que professores, pois é barato de custear.

Assim, o aumento da distinção também acaba pesando no momento do trabalho coletivo. Frequentemente, quando o monitor precisa ficar sozinho com a turma, o atendimento a ela é de forma recreativa, sem intenções pedagógicas, pois o monitor julga não ganhar para desenvolver atividades de ensino e aprendizagem com as crianças. É dessa forma que se nota certa resistência desses profissionais, que se auto intitulam auxiliares sem obrigações, apesar de possuírem estudos e serem capazes de também desenvolver atividades de cunho pedagógico (SANTOS, 2013).

Essa pode não ser uma alternativa viável de trabalho, pois há risco de ambiguidades que poderão comprometer o desenvolvimento das atividades com as crianças. Ambos os profissionais têm a sua função estabelecida pelo concurso ou processo seletivo e devem cumprir suas incumbências, mas também devem considerar que, quanto mais trabalharem em grupo e se unirem para concretizar as práticas com as crianças, melhores profissionais se tornarão.

## 4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, foi realizado um levantamento de referencial bibliográfico, apontando aspectos da historicidade da Educação Infantil e trazendo também novas configurações da função do monitor de Educação Infantil. Foi contemplada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que trouxe contribuições importantes para maior compreensão do trabalho do professor e monitor. Esta pesquisa de cunho qualitativo, realizou um levantamento de dados acerca da função do monitor na Educação Infantil; foram entrevistadas estudantes de pedagogia da Universidade do Vale do Taquari – Univates, que exercem cargo de monitoras em escolas da região.

A produção de dados ocorreu por meio de entrevista com quatro estudantes do curso de Pedagogia, que foi realizada pessoalmente. Estas entrevistas continham perguntas pré-elaboradas, permitindo-se o acréscimo de questionamentos, quando necessário. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise. No Apêndice A, está anexado um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), como também as perguntas no Apêndice B.

Segundo Grün e Costa (2002, p.90), “o método científico é o instrumento por excelência para a explicação da verdade. Ele jamais cria um novo conhecimento, uma vez que apenas traz à luz determinadas verdades que se encontram implícitas nele mesmo”. Ou seja, não cabe à pesquisa desvendar novos conhecimentos, tampouco determinar verdades, mas compreender o pensamento e pré-concepções que vão se formando ao longo de experiências. Vale constar que a pesquisa também é uma

evidência de um posicionamento do pesquisador que deverá ser de forma sutil para abordar os entrevistados.

Em se tratando das perguntas pré-elaboradas (APÊNDICE B), alguns autores trazem uma perspectiva importante, voltada a uma abordagem reflexiva sobre as questões formuladas, e este foi um método a constar na presente pesquisa. Os autores Nelson, Treichler e Grossberg (1995, apud CORAZZA, 2002) trazem a afirmação de que a escolha metodológica se caracteriza como “pragmática, estratégica e auto reflexiva”, isto é, o pragmatismo, a estratégia e a autorreflexão são ferramentas que dependem das questões formuladas. Estas questões também dependem do contexto do material, como a existente conexão com a subjetividade política, gênero e desejo (CORAZZA, 2002).

“Cada prática de pesquisa é um tipo de linguagem, um discurso, uma prática de cunho discursivo, que sempre está assinalada pela formação constituída” (CORAZZA, 2002, p. 124). Uma prática de pesquisa é, de certa forma, considerada um modo de pensar, assim como de sentir, amar, pensar, odiar. É também lidar com mecanismos de poder de forma direta; portanto, a pesquisa está ligada diretamente com a nossa própria vida (CORAZZA, 2002).

O instrumento de pesquisa, a entrevista, é considerado por Silveira (2007), como a abertura da alma do entrevistado, que demonstrará na sua fala suas perspectivas e seus pontos de vista, bem como opiniões. Estes dados são ricos para o entrevistador, e é do próprio entrevistador que se obtêm dados relevantes e confiáveis pois é dele que se obtêm dados relevantes, confiáveis (SILVEIRA, 2007).

É importante retomar que em um primeiro momento as entrevistas ocorreriam com monitores e professores de escolas municipais de Lajeado. Em primeiro lugar foi marcado um horário com um mês de antecedência para então em uma reunião contextualizar e explicar a pesquisa à SMED. Um dia antes tornei a ligar para a Secretaria e fui informada de que havia procedimentos prévios que deveriam ser feitos antes da nossa reunião para conhecimento da pesquisa. Assim que fui informada do acaso, contatei imediatamente a orientadora da pesquisa e optamos por tentar realizar o estudo em escolas particulares do município de Lajeado. Entrei em contato com duas escolas do setor privado, explicando o real motivo da pesquisa e solicitando uma parceria da escola para com o desenvolvimento do trabalho.

No entanto as escolas não demonstraram interesse e não retornavam confirmando a reunião com a coordenadora pedagógica; apenas sugeriram mais tempo para pensar sobre o tema e verificar quantas pessoas se envolveriam na pesquisa. Frente a estes obstáculos, eu e a orientadora optamos por outra linha de pesquisa, onde tentaríamos realizar a pesquisa dentro do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari-Univates. Foi solicitado primeiramente via e-mail à coordenadora do curso de Pedagogia para abrir um espaço de pesquisa com alunas (os) do curso que estivessem exercendo a função de monitoria em espaços escolares. Esta solicitação foi atendida com muita brevidade e no dia seguinte contatei várias alunas do curso via e-mail, *wathsapp* e pessoalmente, questionando sobre uma possível participação na pesquisa. Embora tenha contatado várias alunas do curso, poucas se disponibilizaram para realizar as entrevistas gravadas, portanto quatro apenas deram retorno via e-mail, e assim marcamos algumas noites para realizar as entrevistas. As quatro estudantes de Pedagogia são mulheres e estão atuando na área da Educação Infantil. Duas das entrevistadas trabalharam na rede pública e atualmente estão atuando na rede ensino privado de Lajeado. As outras duas entrevistadas atuam na rede do município. Das alunas entrevistadas duas estão no 9º semestre e as outras duas estão no 7º semestre do curso de Pedagogia. As alunas B<sup>3</sup> e D são estudantes do 9º semestre e as alunas A e C são estudantes do 7º semestre do curso de Pedagogia.

---

<sup>3</sup> Os nomes são sigilosos e serão substituídos pelas letras, A, B, C e D.

## 5“QUEBRA-GALHO”: A MONITORA<sup>4</sup> DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO COTIDIANO DA ESCOLA

O Monitor faz parte de um contexto escolar que se torna importante nos meios em que atua. Até aqui vimos a caminhada da constituição da formação do monitor, e nela percebemos a necessidade desse profissional. Os excertos<sup>5</sup> que seguem no transcorrer do texto, foram retirados das entrevistas realizadas com estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari- Univates. Por meio desses excertos, poderemos compreender e tentar responder o problema de pesquisa que busca analisar a maneira como se dá a organização do trabalho do monitor na educação infantil.

*Mas a gente está mais como um suporte, precisou disso o monitor vai lá e faz, precisou daquilo o monitor vai lá e faz. Então eu vejo hoje a atuação do monitor como um suporte do professor e da escola, porque se a escola precisa de alguma coisa é o monitor que eles vão mexer, trocar de turma e não o professor (Monitora A).*

*O que eu vejo que a gente acaba fazendo muitas funções que às vezes não é a nossa, e a gente não é valorizado por conta disso, então a gente fica meio constrangido por certas formas, certos receios também, às vezes porque tu trabalha e tudo mais (Monitora B).*

*Monitor acaba fazendo aspectos do professor (Monitora C).*

*Eu acho que muitos monitores não têm voz porque o professor que manda. A tua opinião como monitor não serve, isso é vivência minha principalmente na rede do município. Quem é concursada sabe tudo e tu que tá na faculdade, graduação, não sabe nada e não aprende nada (Monitora D).*

---

<sup>4</sup> A partir desse ponto do trabalho usarei o substantivo feminino “a monitora”, pois as entrevistadas são mulheres.

<sup>5</sup> Os excertos transcritos no decorrer da pesquisa estarão em itálico para diferenciar das demais citações.

Nessas falas observa-se um pouco das atribuições das monitoras no cotidiano escolar. Nestes relatos percebe-se a existência de palavras como “suporte”, que aponta para o fato de que estão ali para executar apenas essa função. Da mesma forma destaca o aspecto levantado sobre a questão de o monitor realizar as atribuições de um professor, que acaba atrapalhando as devidas funções que deveriam ser realizadas pelas monitoras. Como afirma Santos (2013, p.6), traz a mesma problemática que estas monitoras relatam, “o monitor acaba sendo um profissional secundário para exercer a função de professor que é um subordinado a outro profissional”.

Obviamente não são estas as atribuições de ambos os profissionais, no entanto devemos pensar também na relação custo-benefício de professores e monitores, o que talvez explique a situação de cada vez mais monitores estarem realizando funções de professores, como relata a monitora C.

*Eu vejo, então, a atuação do monitor da educação Infantil como um quebra-galho para tudo, porque tudo é a gente (Monitora A).*

*Nesta escola que eu trabalho o papel é bem delimitado o que o professor tem que fazer e o que o monitor tem que fazer e quando é necessário que a gente tenha uma conversa com professor para definir algumas coisas. Porque eu como monitora cuido muito para não invadir o papel da minha colega que é a professora (Monitora B).*

*‘Eu sempre tento ajudar de forma como se eu fosse professora, sempre tento auxiliar os professores da melhor maneira possível para realizar a atividade (Monitora D).*

Chamo a atenção para o primeiro relato da monitora A, que fala sobre ser um “quebra-galho”. É interessante refletir sobre essa fala, pois entende-se por menor que seja, uma frustração em seu relato. Seu trabalho é ir onde precisa, em todos os lugares da escola, cobrir professores ou outros funcionários que faltam.

Assim por outro lado também existem aquelas escolas que delimitam o trabalho entre as duas funções, monitor e professor, dessa forma a monitora além de realizar aquilo que foi designado deve ter o cuidado de não invadir espaço do professor. Ao refletir sobre isso penso como seria invadir o espaço do professor se ambos trabalham pelo mesmo objetivo?

Mais uma vez nota-se que a organização de trabalho das monitoras está confuso, pois ainda parece que o monitor tem suas atribuições como apenas cuidador, como já havia comentado no decorrer do trabalho com o autor Kuhlmann Júnior (2010) e a autora Santos (2013). A imagem primordial de fazer tudo são novas etapas que

estão acontecendo pela falta de professores e isso implica no monitor pois essa tarefa será incumbida a ele.

*Assim, pros professores, ah, tu é um monitor, tu é estagiária, tu é visto como alguém que estuda daí agora quer fazer de tudo depois não vai fazer mais nada, esses são os olhos que alguns professores têm sobre nós (Monitora A).*

*Não posso falar que o monitor só faz a função do monitor, isso acho que em escola nenhuma, porque querendo ou não o professor de hoje em dia não é um caso que eu queira me tornar, mas ele é muito acomodado, ele acha que tendo uma pessoa do lado dele a gente tem que fazer tudo igual a ele, mas acho que não é bem assim que as coisas precisam andar (Monitora C).*

*E alguns pais não confiam no monitor; só na professora. Quem é professora sim. Que nem minha professora ela diz assim, “tu também é professora, tu és meus olhos como eu também sou teus olhos”, a gente sempre trabalha junto só que eu vejo que alguns pais aceitam nós duas e alguns só aceitam a professora e não a monitora. Isso às vezes tem aquele choque, aquele medo também (Monitora D).*

É interessante pensar sobre o relato das três monitoras que trazem alguns aspectos para reflexão de alguns dos professores para com as monitoras. A questão dos monitores só fazerem algo diferente porque estão ainda estudando; e também a questão apontada pela monitora C: na percepção dessa monitora há um certo acomodamento do professor, pois este profissional não poderia estar se acomodando dessa forma, já que é ele quem está, na maioria das vezes, à frente do processo de aprendizado.

Outra questão que destaco é o relato da monitora D, que traz a questão dos pais não confiarem no monitor. Isso se dá, por vezes, por ainda terem aquela imagem clichê de auxiliar de turma. Assim, alguns ainda pensam que é somente o professor o “detentor do saber” e é somente ele que sabe o que irá ensinar para seus filhos e esquecem que o monitor também deve ter formação como prevê a LDB. Ainda, percebe-se a figura do monitor mascarado como cuidador e prestador de serviços e do professor o comandante, no entanto ambos os profissionais deveriam ter a formação básica igualitária que seria o curso normal ou magistério, que ambos teriam o mesmo conceito prévio de educar. No caso de formação em licenciatura, ambos os profissionais também podem ser formados, e ocupar funções diferentes que lhes foram cabidas no ato de nomeação ou contratação. Não cabe somente pensar separadamente entre os dois profissionais, mais sim pensar em que os dois fazem parte de um contexto educacional e de aprendizados que devem estar caminhando juntos para um só objetivo.

*A gente fazia de tudo um pouco... eu acho que não fica clara como é a nossa atribuição se é só ser auxiliar do professor nas tarefas ou tu conduzir a aula e pegar a turma completo pra ti então acho que não, não fica claro em hipótese alguma posso falar quais são as minhas atribuições enquanto monitora. Eu não sei de verdade falar qual é a minha missão como monitora, porque a gente faz um aglomerado e faz tudo (Monitora C).*

*Sem contar que se acontece algo com esta criança depois do horário do professor, é responsabilidade interina do monitor, então a grosso modo quem se ferra somos nós (Monitora D).*

Percebe-se pelo relato da monitora D, que ainda existe muito o posicionamento do monitor em ter que cuidar o tempo todo; essa preocupação do cuidar foram as primeiras ideias de escolas que Kuhlmann Júnior(2010), traz no contexto do trabalho, as escolas assistencialistas. Embora os avanços tenham chegado até nós, nos deparamos com o cenário de assistência constante, assim como se apresentou em alguns relatos também de o monitor ter que fazer tudo, sobrecarregado de tarefas que não fazem parte de suas atribuições de trabalho.

Também há de se constar nessa análise o fato do professor regente trabalhar menos horas que o monitor, o que de fato comprova que após a saída do professor, o monitor deve zelar pela criança e prestar cuidados para que retorne para casa com segurança até retornar novamente para a escola e estar sob sua responsabilidade.

## 6 “COMO NÃO TEM PROFESSOR A GENTE FAZ”: O PLANEJAMENTO NO DIA A DIA DA MONITORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Planejar é um processo fundamental para realizar a execução de trabalhos pedagógicos, seja na Educação Infantil ou na Educação Básica, porque planejar é uma tarefa de suma importância (ANDRADE et al., 2010, p. 3). Neste capítulo constará alguns excertos que trazem aspectos do planejamento desses monitores com os professores.

*Eu vejo como um suporte a gente não tá muito envolvido no planejamento, a gente não tá envolvido (Monitora A).*

*A gente faz o planejamento porquê de tarde, ah é monitora na sala então a gente faz o planejamento pensando nas crianças, porque quem sai perdendo são as crianças, não a gente lógico. Mas não é o nosso papel, então a gente faz mesmo pra eles não saírem perdendo (Monitora B).*

*A gente faz desde o planejamento de atividades, quanto parecer eu acho que não fica clara como é a nossa atribuição (Monitora C).*

*Ser valorizado de qualquer forma ser incluído e visto desde o planejamento aos afazeres diários planejados. Já aconteceu de criarmos um projeto eu e uma professora e no final os méritos foram apenas para a professora, e a monitora onde estava? (Monitora D).*

Pensando sobre o planejamento, não é dever interino do monitor planejar, mas sim participar da construção dele, dessa forma o monitor também terá propriedades para atuar na sala, sem ficar com o sentimento de suporte ou pior, “quebra-galho”. Segundo as monitoras este é o maior desafio por elas encontrado, ou elas participam do planejamento, ou não participam, ou então elas que realizam o ato de planejar e executam.

Nota-se na fala da monitora B, que se estiver na sala ela mesma deverá aplicar um suposto planejamento, pois ela própria se incumbi dessa tarefa. Voltamos novamente ao ponto que foi levantado algumas vezes nesse trabalho. Monitor e professor trabalham em turno diferentes ou seja, em um primeiro turno o professor e no segundo o monitor. De manhã acontece um planejamento e no turno da tarde? O que se desenvolve? Muitas monitoras refletem sobre essa situação para tomarem a frente e planejar?

Esta angústia que se aparenta nos excertos das monitoras A, B, C e D, mostra mais uma evidência da importância do planejamento coletivo, ou seja, monitora e professora.

*De não poder sentar e não conseguir planejar e você ser reconhecida como monitor, já que tu faz um papel de professor, eu acho isso ruim (Monitora B)  
Eu acho, que hoje eu sinto a falta dessa ligação de tipo assim ó, de saber o que vai acontecer sabe, tipo tu tá ali todo dia naquela rotina junto com o professor, junto com o aluno, então de saber, olha amanhã, a gente, nós vamos ter isso e isso planejado, bah de pensar algumas coisas juntos. A gente tem bem isso que o monitor não planeja no trabalho, mas eu acho que poderia ter um casamento né, a gente não precisaria ter o papel de planejar mas essas trocas são potentes e fazem com que eu acho no decorrer do dia também, fiquem mais leves as coisas, porque às vezes eu chego e opa tem isso pra fazer, dá um susto, no máximo que a gente fica sabendo a tem uma viagem (Monitora A).*

*A gente está como monitora a gente tem que ter atribuições de monitora, planejamento eu sempre participei dos planejamentos de projetos, pareceres nunca me neguei porque é aprendizagem, o que só não justo quando um monitor fica responsável em gerar todo um relatório eu acho que a gente não tem todo esse preparo ainda ou talvez tenha, mas não é nossa função enquanto professor de sala de aula (Monitora C).*

O planejamento te ajuda a ter noção de como as coisas deveriam funcionar ou melhor te auxiliam a colocar em prática as atividades, momentos programados para o dia. Se a monitora não estiver a par dessa organização, como será o trabalho dentro do espaço de sala de aula? Como ela irá desenvolver sua função?

Devemos partir da premissa de que é necessário que ambos os profissionais estejam envolvidos na organização de seus trabalhos e do planejamento diário. (GERMANO; JESUS, 2013, p. 2).

*Faço o planejamento em casa, ou quando as crianças estão dormindo, porque a gente não tem horas planejamento, quem tem horas planejamento é o professor, mas como não tem professor a gente faz (Monitora B).*

*E muitas vezes na escola o que acontecia. O professor ter o planejamento só que não tinha conhecimento, por mais que eu pedia o que iria acontecer amanhã, ele não me mandava (Monitora C).*

*A gente sabe a nossa função de monitora que é auxiliar o professor que é ajudar nas atividades que ele propõem para os alunos, mas não é o que acontece, não é assim que funciona, a gente que planeja, que explica, se tem*

*o professor na sala às vezes o professor acaba deixando o planejamento pra gente fazer, então ele planeja, ele entrega pra ti e tu te vira, às vezes nem ele auxilia, e nem fica junto, mas o planejamento dele está lá feito, o caderno diário dele está ali (Monitora B).*

É interessante analisarmos a fala das monitoras entrevistadas, onde fazem o planejamento em casa, isso ocorre muitas vezes pela falta de horas de planejamento, que por lei o cargo de monitor não tem direito, esse aspecto é do professor. Cabe aqui refletir, se é o monitor que está assumindo a turma no lugar do professor, porque ele não tem horas planejamento? Ele seria professor?

E em se tratando do professor, por que não compartilhar seu planejamento com a monitora? Será medo? Ou talvez é a certeza de que quem deve se preocupar com isso é o professor e não a monitora?

Refletindo sobre todas as questões levantadas é interessante também analisar que as monitoras que fazem o planejamento, para que a turma não saia perdendo, estão exercendo uma função que não condiz com a sua organização de trabalho, e estão executando esse planejamento pensando no desenvolvimento de aprendizado das crianças. Por mais que o município ou a escola pregue a importância desse desenvolvimento, a falta do profissional formado que no caso é o professor, interfere nesse processo; é o monitor que acaba assumindo esse designio.

A fala da monitora C é muito importante; diz que ensinar é uma doação. E esse papel que as monitoras estão realizando é uma doação, no entanto estão colocando em prática aquilo que aprenderam mesmo que não sejam valorizadas ou ainda estejam sob olhares de apenas auxiliares. Fico pensando em até que ponto ensinar é uma doação em um espaço sem valorização? Isso não desmotiva?

O papel de monitora está muito além das atribuições principais que são designadas no trabalho de auxiliar; ao estarem sempre presentes, em todos os momentos, mesmo que não estejam como professores e sim exercendo essa função, estão organizando o trabalho muitas vezes sozinhas. Assim, buscam respaldo naquilo que aprendem na Universidade para que o aprendizado seja contínuo. Agora o que me preocupa enquanto aluna pesquisadora e futura pedagoga é a questão de que essas monitoras estão, mesmo que deslocadas de função, seguindo um plano de professor porque elas sabem a importância de as crianças não saírem perdendo com tudo isso. No entanto me pergunto no caso de outras monitoras não entenderem esse fato e não seguirem com a mesma proposta, como fica a aprendizagem dessas

crianças? Quem se preocupa com essas crianças e com o desenvolvimento e aprendizado? Quem se preocupa com a situação desses monitores?

## **7 “A GENTE SABE A NOSSA FUNÇÃO DE MONITORA”: REFLEXÕES ACERCA DA ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO DO MONITOR**

Pesando em tudo que foi levantado neste trabalho, desde as primeiras concepções de escolas e educadores, até as análises das entrevistas das monitoras gostaria de deixar claro que este trabalho não teve por finalidade elencar um profissional melhor que outro e muito menos vitimar a figura do monitor ou culpabilizar a figura do professor. Este trabalho veio com objetivo de analisar de que forma o monitor atua no ambiente escolar.

Ao longo da pesquisa, notamos o quanto fez falta não termos entrevistado professoras para também compreender o outro ponto de vista, pois conseguiríamos agregar mais discussões acerca do problema de pesquisa. Uma sala de aula não se faz sozinha, precisa-se de um conjunto ações para que se possam desenvolver um bom trabalho frente ao aprendizado das crianças.

Entendemos também que a temática do trabalho do monitor é de suma importância e deveriam haver mais pesquisas, pois assim como os professores, os monitores estão à frente de trabalhos diários na sala de aula, e não estou me referindo a assumir turma, mas sim estar de vez enquanto à frente da turma, mostrando que também é um profissional da educação e merece respeito e valorização.

Retomando o problema o pesquisa, vale constar que a organização de trabalho dos monitores não está totalmente clara e específica para os cargos. Quando falamos ou pensamos nessa organização de trabalho, partimos de uma premissa de vários segmentos que precisam ser realizadas, desde o início ao fim do trabalho. Durante o levantamento bibliográfico as dificuldades de compreender e analisar essa organização desses profissionais levantada pelo problema de pesquisa, foi algo trabalhoso, que demandou muita leitura e pesquisa em leis e textos, por não haver estudos nessa área destinada ao trabalho do monitor/ auxiliar de turma.

Embora muitas vezes as atribuições estejam claras o suficiente para o desígnio dessa profissão, o que acontece na maioria das vezes é que estas

atribuições não podem ser executadas; por vezes não há à disposição professores para assumirem a turma, conforme a legislação. Isso podemos perceber nas falas de muitas entrevistadas, que sentem à falta dessa organização de trabalho estar organizada e pensada para os dois profissionais estarem cooperando coletivamente, pensando no desenvolvimento da criança. Penso também que este é um tema latente que devemos debater e pensar sobre ele. Da mesma forma que o professor é importante e precisamos dele dentro da sala de aula, o mesmo se atribui ao monitor da Educação Infantil, pois dessa forma as mesmas atribuições conquistadas por lei pelo professor o monitor também estará amparado. O que me leva pensar que esta organização está às avessas. Pode um monitor sem formação assumir turma, diante de todo embasamento de lei e ser considerado como mero “quebra-galho?”

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação Infantil**: Discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: UNESP, 2010.

ANDRADE, Vanessa Rodrigues Coelho de G et al. **O planejamento na Educação Infantil**: Necessário ou desnecessário? Foz do Iguaçu: UNIAMERICA, 2010.

ANGHINONI, Márcia Hende Pereira; POZZOBON, Marta Cristina Cezar. **As atribuições do auxiliar de Educação Infantil na perspectiva dos professores de uma EMEI de Arroio Grande**. 2017. 14f. Artigo (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017.

BRASIL. **Conferência nacional da educação**: Documento final. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. **Conselho Nacional de educação**: Resolução CNE/cp Nº 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Seção1, n. 124, p.8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1771<9-res-cne-cp-002-03072015&category\\_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1771<9-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 06 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CORAZZA, Sandra Mara. **Caminhos investigativos**: Novos olhares na pesquisa em educação. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&AaA, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber; GRÜN, Mauro. **Caminhos investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&AaA, 2002.

GERMANO, Jéssica; JESUS, Degiane Amorim Dermiro de. A importância do planejamento e da rotina na Educação Infantil. In: JORNADA DE DIDÁTICA, 2; seminário DE PESQUISA DO CEMAD, 1. 10 a 13 set. 2013. **Anais...** Londrina: UEL, 2013.

GONÇALVES, Rocelita Pereira Alves. **A formação do professor da Educação Infantil: Um estudo introdutório**. 2010. 24f. Artigo (Graduação em Pedagogia) – Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia, 2010.

Disponível em:

<<http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/A%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DO%20PROFESSOR%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20um%20e%20estudo%20introdu%C3%B3rio%20-%20Rocelita%20Pereira.pdf>>. Acesso em: 31 jun. 2018.

HORN, Cláudia Inês; SILVA, Jacqueline Silva da Silva; MIORANDO, Tânia Micheline. As práticas de Estágio na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia. **Caderno de Pedagógico**, v. 10, n. 2, p. 21-33, 2013.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação. 1998.

\_\_\_\_\_. **Infância e educação Infantil: Uma abordagem histórica**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MALLMANN, Cristiane Inês. **Proposta político-pedagógico das escolas municipais de educação infantil de Lajeado- RS**. Lajeado: Ed. da Univates, 2011.

NASCIMENTO, Edaniele Cristine Machado. Processo histórico da Educação Infantil no Brasil: Educação ou assistência? In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12, 26 a 29 out. 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015.

RESENDE, M.A; MARTINS, P.L.O. A formação de professores para a educação infantil no limiar dos vinte anos da lei de diretrizes e bases da educação nacional 9.394/96. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v.16, n.50, p. 809 – 829, out./dez. 2016.

SANTOS, L. M. E. Auxiliar de sala de aula é professor? Dilemas da profissionalização docente na Educação Infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7, 20 a 23 mai. 2013, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: UFMT, 2013.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: As organizações de trabalho dos monitores na Educação Infantil.

Nome dos Pesquisadores: Bruna Cristina Dörr; Orientadora acadêmica: Morgana Domênica Hattge

Instituição: Universidade do Vale do Taquari- Univates

Eu, \_\_\_\_\_  
 portador(a) do CPF \_\_\_\_\_,  
 cuja atividade/função exercida/cargo é  
 \_\_\_\_\_,  
 \_\_\_\_\_, na escola \_\_\_\_\_

do município de Lajeado/RS, aceito, pelo presente Termo, participar da pesquisa intitulada “Quebra galho”? O trabalho do monitor na Educação Infantil”, desenvolvida pela estudante de Pedagogia Bruna Cristina Dörr e pela professora Dra. Morgana Domênica Hattge, do curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari- Univates, de Lajeado/RS.

Pelo presente termo, fico ciente de que:

1. A pesquisa supracitada tem por objetivo analisar de que maneira se dá as organizações de trabalho do monitor na Educação Infantil.
2. As entrevistas serão formuladas com base na análise de conteúdo, que permite a descrição sistemática, objetiva e qualitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação; instrumento voltado ao estudo de ideias, e não de comportamentos ou de objetos físicos. Para os registros, serão utilizados papel, caneta e gravador.
3. Essas entrevistas serão feitas com profissionais que atuam dentro do contexto escolar e que estão, de alguma maneira, trabalhando com monitoria escolar.
4. Posso pedir esclarecimentos sobre quaisquer aspectos da atividade antes e durante o seu desenvolvimento.

5. Posso abandonar a pesquisa antes e durante o seu curso, sem quaisquer prejuízos para mim.
6. É-me garantido o sigilo quanto à origem das informações, não podendo ser revelada a minha identidade.
7. **Não terei** nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago pela minha participação no estudo.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem.

### **Consentimento Livre e Esclarecido**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu,  
\_\_\_\_\_,  
portador(a) do CPF \_\_\_\_\_,  
de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

**APÊNDICE B – Entrevista****ENTREVISTA**

- 1- De que forma você percebe o trabalho dos monitores na Educação Infantil?
  
- 2- Na rotina diária de sala de aula, estão claras as atribuições como monitora?
  
- 3- Pensando novamente em sua prática diária, quais seriam, na sua opinião os principais desafios enfrentados pelo monitor na Educação Infantil?
  
- 4- Na sua opinião quais deveriam ser as atribuições do monitor na Educação Infantil?

## **APÊNDICE C – Entrevista 1: Monitora A**

### **1 De que forma você percebe o trabalho dos monitores na Educação Infantil?**

**Monitora:** Eu vejo, então a atuação do monitor da educação infantil como um quebra galho para tudo, porque tudo é a gente, o fulano vai no banheiro o monitor vai junto, tem que trocar uma fralda... que nem trabalho numa turma de 4 anos e só uma menina utiliza fralda, então eu que tenho que trocar a fralda dessa menina né. Eu vejo como um suporte a gente não tá muito envolvido no planejamento, a gente não tá envolvido. Há vamos pensar, as vezes há uma brecha do professor, mas a gente está mais como um suporte, precisou disso o monitor vai lá e faz, precisou daquilo o monitor vai lá e faz. Então eu vejo hoje a atuação do monitor como um suporte do professor e da escola, porque se escola precisa de alguma coisa é o monitor que eles vão mexer, trocar de turma e não o professor.

**Pesquisadora:** Aham

### **2 No desenvolvimento de sua prática em sala de aula, a seu ver, quais são as contribuições do monitor no desenvolver do seu trabalho?**

**Aluna:** A gente contribui porque se tá acontecendo uma atividade na sala e surgiu alguma dúvida do aluno a gente não sempre se direcionar para o professor né, se a gente tem condição a gente vai responder aquela dúvida, vai dar suporte para aquele aluno mas se não vem ao alcance de ti naquele momento se é algo que passe dos meus conhecimentos sempre procura a ajuda do professor, e eu acho que é isso assim, eu acho que são boas assim, nunca fui barrada, ai tu não pode fazer isso né, sempre tive flexibilidade de auxilia nessas atividades que estão acontecendo na sala de aula. Porém percebo a falta da participação, por exemplo aconteceu um fato de ter uma contação de história, ai entre duas turma de um mesmo nível, ai então o nível um escudou a contação de história então sobrou 4 professoras e 2 monitoras. As duas monitoras encenaram a história e eu fiquei de fora, só que eu não sabia dessa contação, eu não sabia de nada e eu simplesmente cheguei na atividade, e gente só eu que não to fazendo nada aqui e a outra encenando dois papeis, me peguei assim, meu Deus o que eu to fazendo aqui eu só sou um suporte mesmo né, ai então eu não levei nada pra nenhuma colega minha naquele dia porque eu estava muito

chateada e daí de noite na aula, uma colega minha me mandou uma mensagem, olha na próxima encenação tu participa, aí eu fiquei me sentindo uma coitada, a perceberam que eu estava de fora da encenação, aí disse que eu não queria ficar com sentimento de coitada perante elas, mas que sim que tinha ficado muito triste por esse fato ter acontecido e, aí elas colocaram que foi uma situação que passou despercebida né, que elas não pensaram que isso podia me afetar mais aí no fim a gente se acertou numa boa e no mais tranquilo

**Pesquisadora: Você conhece o PPP do município e as atribuições que você precisa desenvolver?**

**Aluna:** Não. Hoje eu trabalho na rede privada, mas quando trabalhei na rede municipal auxiliando uma única aluna, como monitora eu não tive contato com o ppp da escola e quando toquei no assunto de ter contato com o ppp da escola eles falavam, está desatualizado não vale nada, não precisa pegar isso então sabe, não fazia questão eu também não peguei, mas eu não tive contato. Já na rede privada não foi me solicitado ainda, e eu não fui atrás, mas eu acho que eles ficaram com uma pulga atrás da orelha, porque um monitor da escola quer o ppp, se eu fosse como estudante, aí preciso do ppp para analisar isso e isso pra faculdade numa boa, mas eu acho que eu fosse como funcionária monitora ficariam assim, opa que essa pessoa quer ir lá olhar no ppp se ela é só uma monitora

**3 Pensando novamente em sua prática diária, quais seriam, na sua opinião, os principais desafios enfrentados pelo monitor na Educação Infantil?**

Pois então, atualmente nesta escola privada que eu trabalho, antes os monitores eram os próprios alunos da instituição que cursavam o ensino técnico, agora então a partir de um ano e pouco eles contratam estudantes de pedagogia e aí no primeiro dia que, na primeira semana que eu estava trabalhando, ganhei um blusa da escola e aí quando eu ganhei a blusa eu pensei, meu Deus eu ganhei uma blusa gente, eu me senti muito importante como uma, sendo uma monitora daquela escola, me senti importante porque nas outras escolas tu é assim pros professores, há tu é um monitor, tu é estagiária né tu é visto como alguém que estuda então agora quer fazer de tudo depois não vai fazer mais nada, esses são os olhos que alguns professores tem sobre nós. Então sim nesta escola que eu trabalho o papel é bem delimitado o que o professor tem que fazer e o que o monitor tem que fazer e quando

é necessário a gente tem conversa entre professor e monitor pra definir algumas coisas porque eu como monitora cuido muito para não invadir o papel da minha colega que é a professora, Porque eu penso que ela pode se sentir invadida e ai começa a criar conflitos né, então eu acho bem importante cada um ficar no seu papel e não eu querer passar em cima dela ou decidir coisas por ela porque na verdade eu não sou a titular da turma.

**Pesquisadora: E ao teu ver qual é o papel do monitor na sua concepção de monitor?**

**Monitora:** Auxiliar o professor. Por que planejar e outras coisas é com o professor, e auxiliar os alunos, porque nós estamos ali pra dar suporte pra ambos.

**4 Na sua opinião, quais deveriam ser as atribuições do monitor na Educação Infantil?**

**Monitora:** Hoje eu sinto a falta dessa ligação de saber o que vai acontecer eu estou aqui todo o dia naquela rotina junto com o professor junto com o aluno, então de saber, olha amanhã, nós vamos ter isso e isso planejado, de pensar algumas coisas juntos. A gente tem bem isso que o monitor não planeja no trabalho, mas eu acho que poderia ter um casamento, não precisaria ter o papel de planejar mas essas trocas são potentes e fazem com que eu acho no decorrer do dia também, para que fique mais leve as coisas, porque as vezes eu chego e tem isso pra fazer, dá um susto, no máximo que a gente fica sabendo é que tem um viagem, e na semana que vem então a gente vai fazer, mas eu acho que poderia ter esse casamento. Porém eu também percebo que por exemplo uma contação de história, o professor poderia disser, olha fulana tu não quer fazer essa contação de história hoje, mas eu vejo que os professores tem medo, medo que tu vai fazer uma contação de história, medo que você vai surpreender os alunos e aquele professor, medo que , o professor perder aquele papel, nossa ela contou história melhor do eu ou ela encenou melhor, eu vejo um medo porque muitos de nós somos novos, somos estudantes, então eu vejo que o professor tem medo de abrir mais espaços, poderia abrir mais espaço , mas ele não abre por alguns medos até da escola poder perceber, olha né, essa monitora se porta assim, mas claro a gente sempre tem que cuidar pra não invadir o espaço do professor. Existe uma briga de espaço porém eu consigo lidar muito fácil com isso. Todas as vezes que eu trabalhei como monitora de uma professora nunca surgiram conflitos, a gente sempre conseguiu resolver muito bem esse conflito desse

encenação por exemplo dessa história, foi algo que tipo nossa a gente se resolveu conversando porque eu sempre gosto de conversar sabe, se não tá legal, vamos sentar e conversar porque eu sempre digo pra ela , olha se eu to fazendo algo que tu não tá gostando ou te agradando eu sou bem aberta, me fala porque eu não vou admitir ir lá na chefe e falar, ai porque a fulana fica fazendo isso, não vem conversar comigo eu sou aberta a mudar e não invadir os e espaço né, mas eu acho que tem uma disputa entre estes dois cargos e no geral da escola eu vejo isso muito forte professores e monitores não se conversam isso que eu entrei a pouco tempo, e já ficam dizendo, ano que vem Deus me livre se eu pegar fulana como monitora, porque meu Deus sabe, são estes comentários que tem.

## APÊNDICE D – Entrevista 2: Monitora B

### **1 De que forma você percebe o trabalho dos monitores na Educação Infantil?**

**Aluna:** O que eu vejo que a gente acaba fazendo muitas funções que as vezes não é nossa, e a gente não é valorizado por conta disso, então a gente fica meio constrangido por certas formas, certos receios também as vezes porque tu trabalha e tudo mais.

**Pesquisadora:** O Trabalho de vocês não existe um planejamento?

**Aluna:** Não, não tem, na verdade, a gente faz o planejamento porquê de tarde a gente é monitores na sala então a gente faz o planejamento pensando nas crianças, por que quem sai perdendo é as crianças não a gente lógico, mas não é o nosso papel, então a gente faz mesmo pra eles não saírem perdendo.

**Pesquisadora:** Tu e monitora de uma turma, tu tens uma professora junto?

**Aluna:** Não.

**Pesquisadora:** Tu é monitora professora? Você que planeja as atividades e executa?

**Aluna:** Sim.

**Pesquisadora:** Alguém supervisiona este planejamento?

**Aluna:** Não

### **2 Na rotina diária de sala de aula estão claras as atribuições para você suas atribuições como monitora?**

**Monitora:** Estar claras elas estão, mas não é o que acontece, a gente sabe a nossa função de monitora que é auxiliar o professor que é ajudar nas atividades que ele propõem para os alunos, mas não é o que acontece, não é assim que funciona, a gente que paneja, que aplica, se tem o professor na sala as vezes o professor acaba deixando o planejamento pra gente fazer, então ele planeja, ele entrega pra ti e tu te vira, as vezes nem ele auxilia, e nem fica junto, mas o planejamento dele está lá feito, o caderno diário dele está aí.

**Pesquisadora:** Aham. E quem assina o caderno didático?

**Monitora:** Não sei.

**Pesquisadora:** Deveria se ter o controle de frequência que quem assina o professor.

**Monitora:** Eu sei que a gente assina o controle de frequência e as atividades pedagógicas a gente assina no registro, mas a gente passa para a diretora da escola, o que ela faz esse documento eu não sei se vai pra secretária de educação, se vai pra alguém, eu não sei.

**Pesquisadora:** Tá. Então na tua rotina de sala de aula a tua atribuição é fazer o papel de professor?

**Monitora:** Tanto no planejamento quanto auxiliando, quanto monitorando, quanto a tudo isso. Papel de professor.

### **3 Pensando novamente em sua prática diária, quais seriam, na sua opinião, os principais desafios enfrentados pelo monitor na Educação Infantil?**

**Monitora:** De não poder sentar e não conseguir planejar e você ser reconhecida como monitor, já que tu faz um papel de professor, eu acho isso ruim, por que se tu faz o trabalho de professor, então você poderia receber por isso, ou ser mais valorizado por isso, porque as minhas atribuições que quando eu fui chamada pra assumir o concurso como monitor, não como professor. Minhas atribuições não estão de acordo com o meu cargo, então pelo menos ser valorizada coo professor já que estou exercendo a função, acredito que é o mínimo, e ter as horas de planejamento, já que tu precisa planejar, pra não deixar os teus alunos passando o ano inteiro brincando sem aprender, pelos ter aulas de planejamentos pra poder sentar e planejar.

**Pesquisadora:** Quando você faz o planejamento, já que você comentaste que realiza?

**Aluna:** Faço em casa, ou quando as crianças estão dormindo, porque a gente não tem horas planejamento, quem tem horas planejamento é o professor, mas como não tem professor a gente faz.

### **4 Na sua opinião quais deveriam ser as atribuições do monitor na Educação Infantil?**

**Monitora:** A principal seria auxiliar o professor.

**Pesquisadora:** Primeiro ter um Professor.

**Monitora:** Isso professor, e depois eu auxiliar ele, não eu estar nesse função que não é minha.

**Pesquisadora:** Você já viu o PPP da escola?

**Monitora:** Sim o PPP da escola eu já vi e agora vamos sentar para, que dizer os professores vão sentar para reformular ele em alguns aspectos.

**Pesquisadora:** Os monitores não participam desse processo?

**Monitora:** Não. A não ser que você queira por conta própria daí sim. Se não é obrigatório. Que nem nas reuniões só se você quiser por participar porque não é chamado. A gente acaba participando por que a gente trabalha de tarde como monitora a gente acaba participando pra se ter noção de projetos e tudo que vai acontecer, as não é obrigatório.

## APÊNDICE E – Entrevista 3: Monitora C

### 1 De que forma você percebe o trabalho dos monitores na educação Infantil?

**Monitora:** Bom isso varia muito de escola pra escola. Já passei por várias escolas que o monitor acaba fazendo aspectos do professor, trabalhei em escolas que eu era monitora estagiária que assumi turma de terceiro e quinto ano, não tinha professora titular na sala de aula então eu que comandava, assinava caderno de chamada que por lei isso não pode, mas eu acho que pro município fica mais viável economicamente. Em escolas particulares também, trabalhei em escolas particulares aonde a gente como monitora exercia toda a função, não tinha nada que diferenciasse esse nosso trabalho do professor. A gente fazia as vezes, relatórios e por vezes nem o professor não fazia por que, chega numa parte que o professor se acomoda e quando a escola não tá preparada pra ter essa visão de professor e monitor acaba se deixando assim e a turma fica sem, e eu acho que é minha obrigação fazer, por eu não quero que meus alunos fiquem sem conteúdo.

**Pesquisadora:** Aham

**Monitora:** Mas isso que te coloquei varia de escola pra escola, tem escolas que sim que o monitor exerce sua função que talvez tu vai me questionar logo após.

**Pesquisadora:** Sim vamos realizar um adentro a essa pergunta.

**Monitora:** Mas, não posso falar que o monitor só faz a função do monitor, isso acho que escola nenhuma, por que querendo ou não o professor de hoje em dia não é um caso que eu queira me tornar, mas ele é muito acomodado, ele acha que tendo uma pessoa do lado dele a gente tem que fazer tudo igual a ele, mas acho que não é bem assim que as coisas precisam andar.

### 2 Na rotina diária de sala de aula estão clara para você suas atribuições como monitora?

**Monitora:** Não. Porque a gente fazia de tudo um pouco, a gente faz desde o planejamento de atividades, quanto parecer eu acho que não fica clara com é a nossa atribuição se é só ser auxiliar o professor nas tarefas ou tu conduzir a aula e pegar a turma completo pra ti então acho que não, não fica claro em hipótese alguma posso

falar quais são as minhas atribuições enquanto monitora. Eu não sei de verdade falar qual é a minha missão como monitora, porque a gente faz um aglomerado e faz tudo.

### **3 Pensando novamente em sua prática diária, quais seriam, na sua opinião, os principais desafios enfrentados pelo monitor na Educação Infantil?**

**Monitora:** Eu acho a valorização. A gente faz tanta coisa pelo nosso colega e na primeira oportunidade que tem que ele possa pisar em ti ele pisa. Eu acho que essa valorização falta muito, não digo em escola, mas digo assim, quanto tu faz um trabalho bem feito tu é reconhecida pela escola, tem olhares por fora que tão vendo que tu faz de coração, mas eu acho que este contato diário que a gente tem com o professor eu acho que ele não valoriza, ele acha que sim a gente precisa fazer tudo, mas não é bem assim, a gente está lá para auxiliar nas atividades, a gente não tem essa formação ainda de tomar a frente da atividade proposta, mas isso infelizmente acontece e eu acho que o professor ele tem muito essa clareza, “ ai ele é somente um monitor ”, ele não se dá pro conta que o monitor que ele tem presente na sala de aula, faz muitas vezes mais que ele.

**Pesquisadora:** E isso acaba atrapalhando as vezes?

**Monitora:** É isso gera um conflito dentro da gente. A gente se doa. A partir do momento que a gente está na educação a gente precisa se doar, cuidar, ensinar fazer tudo, mas eu acho que a partir do momento que você não é reconhecida o trabalho começa a desandar, tu já não vence mais, tu tem toda uma turma pra ti e tu já não sabe mais o que fazer. E outro quesito é a questão salarial que entra, porque eu não acho justo se a gente está como monitora a gente tem que ter atribuições de monitora, planejamento eu sempre participei dos planejamento de projetos, pareceres nunca me neguei por que é aprendizagem, o que eu só não justo quando um monitor fica responsável em gerar todo um relatório eu acho que a gente não tem todo esse preparo ainda ou talvez tenha, mas não é nossa função enquanto professor de sala de aula.

### **4 Na sua opinião quais deveriam ser as atribuições do monitor na Educação Infantil?**

**Monitora:** Eu acho que auxiliar, se preparar, claro que pode ter momentos que tu vai conduzir a turma por que a gente está em constante processo de aprendizagem,

então quanto mais a gente se coloca à disposição, mais a gente vai enriquecer nosso currículo, mais a gente vai se aprendendo. Mas a nossa função é auxiliar, de ficar monitorando o que o professor faz, não se monitorando é a palavra, mas de estar acompanhando, “vamos escrever um projeto?” “Vamos”, então o professor acho que deveria dizer assim “o projeto começa com tal”, por mais que a gente tem conhecimento acho que é função dele. Se a gente está como monitor do professor, ele está lá pra nos auxiliar pra nos agregar como profissional então acho que esta atribuição de auxiliar de ter essa comunicação presente do professor esse diálogo aberto. Eu acho que vem mais ao encontro do monitor e não fazer tudo. Não sei se é mais ou menos isso que tu queria?

**Pesquisadora:** Eu penso que o monitor referente ao meu trabalho teria basicamente o que tu trouxe, auxiliar o professor, e estar presente no planejamento.

**Monitora:** Isso porque precisamos ter uma base que um professor possa ficar doente, por mais que outra venha substituir eu acho que o monitor ele tem que estar a encargo de todas as situações que acontecem em sala de aula. A avaliação, que a gente sabe que um professor não vai conseguir abstrair todos os comentários, frases, e aí tu pode auxiliar e contribuir, mas eu acho que tu não deve fazer o papel do professor em si.

**Pesquisadora:** E até porque é no desenvolver da aula é importante que o monitor esteja a par das situações de aprendizado para auxiliar o professor a desenvolver os objetivos do plano de aula, pois todo o professor tem um plano de aula.

**Monitora:** E muitas vezes nas escolas o que acontecia. O professor ter o planejamento só que eu não tinha conhecimento, por mais que eu pedia o que irai acontecer amanhã, ele não me mandava, eu não sei se é orgulho eu não sei se é talvez preocupado em ser o professor e não queria me sobrecarregar, não sei até que ponto posso pensar isso. Só que assim havia outros momentos que eu recebia todo o planejamento no dia anterior então isso varia muito de escolas para escolas e de pessoa pra pessoa. Eu acho que o desafio maior da nossa contemporaneidade é lidar com o ser humano a gente aprender a lidar com ele e principalmente as diferenças. Se tu esta como monitor e se tua colega esta como professor, as atribuições serão diferentes, claro, a gente já percebe na questão salarial que é muito importante, a gente precisa e a gente busca um aumento um crescimento, mas eu acho que tem

muita diferença e a gente precisa lutar. Queria te parabenizar pelo trabalho por que pouca gente se preocupa dessa questão do monitor e agregar em tudo. Um monitor que não está bem preparado, um monitor que sofre dentro de sala de aula pode acarretar na saúde, pode poder vir intervir no aprendizado então assim é um aglomerado de situações que a gente precisa sim estar a par.

## APÊNDICE F – Entrevista 4: Monitora D

### **1 De que forma você percebe o trabalho dos monitores na Educação Infantil?**

**Monitora:** Eu acho que muitos monitores não tem voz por que o professor que manda. A tua opinião como monitor não serve isso é vivência minha principalmente na rede do município. Quem é concursada sabe tudo e tu que tá na faculdade, graduação não sabe nada e não aprende nada.

### **2 Na rotina diária de sala de aula estão claras para você suas atribuições como monitora?**

**Monitora:** Eu sempre tento ajudar de alguma forma de como se eu fosse professora, sempre tento auxiliar os professores da melhor maneira possível para realizar a atividade. Mais eu acredito que eu consigo acompanhar as atividades da professora e se a professora não estivesse eu também saberia como trabalhar com as crianças nessa parte. Vamos supor que outra monitora vier trabalhar comigo, eu sei exatamente os horários todos eu sei, então eu conseguiria como um aula qualquer com a professora.

### **3 Pensando novamente em sua prática diária, quais seriam, na sua opinião os principais desafios enfrentados pelo monitor na Educação Infantil?**

**Monitora:** Conversar com os pais. A vamos supor um aluno mordeu, tu vai explicar e vai disser o que aconteceu, mas muitos pais não aceitam e de como lidar, como por exemplo material que foi pedido semana passada, ai eles respondem, mas de novo e explicar o porquê é difícil. Eu as vezes tenho medo, aconteceu alguma coisa ai peço para a professora te vira e vai la falar que é tua responsabilidade.

**Pesquisadora:** Tu acha que os pais compreendem melhor o professor do que o monitor?

**Monitora:** Isso. E alguns pais não confiam no monitor só na professora. Quem é professora sim. Que nem a minha professora ela diz assim, “tu também é professora, tu és meus olhos como eu também sou teus olhos”, a gente sempre trabalha junto só

que eu vejo que alguns pais aceitam nos duas e alguns só aceitam a professora e não a monitora. Isso as vezes tem aquele choque aquele medo também

#### **4 Na sua opinião quais deveriam ser as atribuições do monitor na Educação Infantil?**

**Monitora:** Eu acho que o monitor ele tinha que ser visto como o professor. Porque se o professor faltar as vezes vem um professor substituir só que esse professor que vem substituir não sabe a rotina desse professor. E eu acho que a pessoa que está ali a monitora não que ela deva ganhar o mesmo salário do professor naquele dia, mas ser valorizado de qualquer forma ser incluído e visto desde o planejamento aos afazeres diários planejados. Já aconteceu de criarmos um projeto eu e uma professor a e no final os méritos foram apenas para a professora, e a monitora onde estava? Acho que o monitor não pode ser excluído ele deve ser igual ao professor. Só que muitos não tem essa formação, tu tá ainda em formação e ele já está formado ou muitas vezes esta professora ainda está em formação só que a questão não é uma saber mais que a outra, mas eu acho que o monitor tem que ser aceito na rede de ensino da escola também.

**Pesquisadora:** Tu acha que existe um grande entrave entre o professor e monitor é questão salarial?

**Monitora:** Sim. Bastante.

**Pesquisadora:** Porque tu acha?

**Monitora:** O monitor muitas vezes não é formado é só um estagiário ou estudante da graduação e a pessoa que está ali, ela recebe mais porque ela não está mais em formação, eu não sei como vai ser daqui um tempo que nem tem muitas meninas que estão concluindo suas graduações e digo isso que é meu caso, eu não sei o que eu vou ser o ano que vem. Eu posso ser monitora formada e ganhando o mesmo salário, por que meu salário não vai aumentar só o da professora aumenta. E o meu? Eu trabalho a mesma coisa, faço quase as mesmas coisas, contribuo com as mesma coisas que ela dentro de sala de aula e eu acho que o salário não que tenha que ser igual ou mais, não, mas poderia ser mais digno, porque tu trabalha o dobro que uma professora e muitas vezes a professora não está nem ai e quem assume é o monitor e daí o professor sai ganhando e o monitor faz tudo. Sem contar que as horas de trabalho são maiores, que muitas vezes são estendidas para se adequa a

um horário de uma aluno ou que se atrasa pra ir embora ou entre outras coisas que fazem nos ficar até mais tarde no trabalho. Sem contar que se acontece algo com esta criança depois do horário do professor, é reponsabilidade interina do monitor então a grosso modo quem se fera somo nós.



**UNIVATES**

R. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil  
CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000  
[www.univates.br](http://www.univates.br) | 0800 7 07 08 09